

O ROMPIMENTO

Milton Fagundes¹

Começo a me perguntar aonde cheguei com todas minhas tentativas, convulsividades, choro em tantas noites, ligações perdidas, vozes altas, jogando-me no chão, esperneando por mais de uma vez, pedindo, implorando, pedindo perdão, dizendo ter perdoado, implorando mais, colocando a culpa em mim, pedindo culpa, indo ao chão mais baixo, implorando por perdão por uma vez mais, dizendo o quanto eu mudaria, o quanto não me importava mais, o quanto me importava, o quanto era egoísta, o quanto tinha medo, o quanto eu mudaria, que tudo voltaria ao normal, que tinha me achedado a Deus finalmente, que era outro, que era capaz de abrigar perdão em meu coração, que Deus morava em mim, que eu era capaz de amar o mundo inteiro, que tinha sido tomado pelo ímpeto infinito, que finalmente tinha mudado, que era outro, que seria capaz de perdoar a mim mesmo, que tiraria da minha vida tudo o que me fazia mal, que tiraria da minha vida quem não poderia me fazer bem, nem me amar, nem me fazer amado, que tiraria da minha vida tudo que me fizesse me prender ao passado mais nostálgico, que mesmo com todos os lastros de lágrimas me mostra o quanto fui feliz, apesar de todas as vezes que me entreguei precipitadamente, o mesmo passado que me condena até hoje, que não me deixa ser capaz de me perdoar e ver o melhor que há em minha fúnebre existência, fúnebre, cabisbaixa, intensamente dramática, infeliz, angustiada, incompleta, errante, descontente, pesarosa, passageiramente contente, realizado, feliz, sorridente, simpático, alegremente em outro plano, supostamente dedicado, supostamente o que é, envolto em uma caixinha bem frágil que se arrebenta em sonhos, pesadelos, acordado com os olhos fechados, entregue à música, a livros, a universos em que nunca estive de verdade, mas me levaram a um encontro lindo com uma parte de mim que só pode existir no mais nebuloso, cinzento, turbulento fumaceiro, contra-pressão-altitude, sem perdão, duro, inquieto com os pés em movimento, a mente cheia, com as mesmas culpas, lamentáveis lástimas, de palavras, momentos, desejos encobertos, inconfessáveis, com, e, sem, culpa, perdido, imerso, sozinho, nadando, andando, implorando mais uma vez, gritando, em silêncio, disperso, imaculado, talvez puro, talvez sem malícia, inocente, perverso, maldoso, sem perdão, nem compaixão, culpado por crimes inconfessáveis, pelo menos dois deles nunca será confessado, talvez seja esse o carma, o castigo eterno, a razão do inferno, da destruição, do mais lindo castelo, aquele que nunca perderia, nem seria abalado pelo único pilar, o mais improvável, durmo, acordo, durmo, acordo, me perco, nada disso está acontecendo, fico como estou, criando em branco nevoeiro, um pouco mais calmo, talvez devaneios, sem sentido, sem sentir sem nada, atormentado, sem culpa até, livre de peso, de culpa, acusações, sem ver, tocar, evitando, fingindo não ver, nem amores, outros amores, não amores, não nada, nem memórias, alguns nomes vagos, alguns vagões, trens de embreagens queimadas, carro sem freio, uma casa que pega fogo, eu que me afogo, um amigo

¹ Possui Licenciatura Plena em Letras (Faculdade de Letras/ UFRJ). Mestrando do Programa de pós-graduação em Estudos da Literatura (Instituto de Letras/ UFF).

que sou eu, sem rosto, sem braço sem forma, sem corpo, sem culpa até, inocente, vítima, um acidente, um carro que capota mais de uma vez, mais outra, outra, outra, mais, uma, outra vez mais, vira, revira, me revira, revivo, sinto, talvez tenha batido, ou tenha sido batido parado nos trilhos quando via a casa queimar, perplexo, enquanto o trem me avassalava, e me jogava, me fazia capotar, atirado, rendido, acabado, chorando, mergulhando, sem ar, sem nem mesmo lembrar o que tinha acontecido, onde eu estava, se era eu, se era real, entre tantas tentativas, entre mais nada, nem amor, nem em um sonho.

Recebido em: 07/11/2015. Aceito em 17/05/2016.